

A HABILIDADE DE SE DESLIGAR DO MUNDO

O último volume do ano de 2019 dos *Cadernos Zygmunt Bauman* tem por tema e título a seguinte provocação: *A habilidade de se desligar do mundo*. Essa questão, obviamente, não pode e nem deve ser esgotada no direcionamento mais imediato de sua formulação, a saber, no de isolamento ou apatia perante os entraves histórico-existenciais que acometem o homem. Mas de que modo pensá-la, então? Tematizemos os três termos-chaves da deixa: habilidade, desligamento e mundo. Principiemos com o termo habilidade. O que se está a dizer com isso? Oriundo do latim *habilitas*, o vocábulo comporta o sentido de adestramento e de instrução. O homem hábil, portanto, é aquele que se encontra apto (habilitado) a executar um determinado empreendimento. No nosso caso, o de desligar-se. Disso nos advém um incipiente estranhamento em função do choque entre o caráter ativo do empreender e a tônica passiva do desligamento. Mas não se trata disso. Se refere, para nosso espanto, ao contrário. O desligamento em pauta está a falar do *elã* criativo que se apresenta ao homem (a cada homem!) enquanto aquele que, ao desligar-se de tudo aquilo que não lhe compete, liga-se à habilidade de “*tornar-se o que se é*”, conforme a máxima de Píndaro. Portanto, desligar-se evoca o convite ao exercício de realização de um próprio em meio a um mundo de proporções macro, ou seja, de articulações que engolem o micro do homem singular. Verificamos esse fenômeno no modo de ser da economia, da política, da ciência, da filosofia e mesmo da Arte. É da voragem desse mundo que se quer desligar-se. Mas, como dito, desligar-se não diz inatividade, mas antes o pressuposto do habilitar-se de um próprio. Mundo, contudo, não é um vocábulo que pode se enclausurar nessa esfera burocrático-impessoal. Fato é que dos interesses desse mundo não é possível se desligar de todo. E, a rigor, tampouco nele se afundar por completo. Mundo tampouco pode se assentar na esfera arbitrário-pessoal, pois ele sempre se dispõe mediante uma teia de relações, isto é, de uma sistemática simultaneamente aberta e fechada, convidativa e impositiva. Sempre sobra o homem impessoal e o pessoal. O central aqui diz respeito ao comum de todas as épocas, a saber: qual é o lugar do homem no mundo e o lugar do mundo no homem. O homem sempre está no mundo e o mundo sempre está no homem. O homem se faz como mundo e o mundo se faz como homem. Obviamente, já partimos para uma aceção mais radical de mundo e de homem. Ambos são articulações de um único interesse ontológico. Leia-se “interesse” aqui a partir de seu étimo latino: *inter* (dentro de) e *esse* (modo de ser). Interesse, por conseguinte, fala do modo de ser do qual mundo e homem partem e se desdobram como unidade. Mundo e homem, assim, se nos apresentam como um único ato de realização. Portanto, a habilidade de desligar-se do mundo já diz o empreendimento de ligamento de um modo de ser que não se perde no sufocamento do impessoal ou no delírio do meramente pessoal. Mas, assim como há homens, também há mundos. O mundo que compete a cada homem é ao mesmo tempo unicamente seu e de todos, intransferível e partilhado, pessoal e impessoal. Essa é a tensão de mundo da qual não se pode desligar-se, e outrossim o horizonte do qual sempre já se parte. O mundo do qual se desliga é aquele que se volta única e exclusivamente para um polo ou única e exclusivamente para o outro. Trata-se do mundo cindido e do homem despedaçado. Algo corriqueiro e que se vê em cada esquina. O homem aprendera a ver a si como mundo a partir de uma separação entre o sóbrio e o entusiástico, e constantemente se vê constrangido a transitar entre eles. Mas sempre sob a ótica de uma oposição e de um asco mútuo. O hábil, por outro lado, enquanto aquele que se desliga desse modo de ser (mundo) que só vê redenção ao saltar de um polo para o outro, volta-se à unidade daquela tensão enquanto legítima ligação de mundo e homem. Seu entusiasmo não se inflama, mas antes cresce e se intensifica na sobriedade, e vice-versa. Tal como diz Hölderlin, em um dos textos dele traduzidos especialmente para este volume, intitulado *Reflexões*: “Da wo die Nüchternheit dich verläßt, da ist die Grenze deiner Begeisterung”¹. Os textos aqui reunidos convidam os leitores a participarem do vigor sempre atual dessa provocação.

André Felipe Gonçalves Correia
Doutorando em Filosofia pela UFRJ

¹ “Lá onde a sobriedade te abandona, lá é o limite de teu entusiasmo”.